

A bocha adaptada: fazendo a diferença por meio da inclusão no esporte

The adapted boccia: making the difference by means of inclusion in sport

Deborah Soares Amâncio

Resumo

O desenvolvimento das modalidades paradesportivas, ainda é um grande desafio no âmbito esportivo, devido à escassez de recursos financeiros, estruturais e a ausência de pesquisas acadêmicas na área. Desde seu início, o paradesporto, enfrenta resistência na sociedade, a qual sustenta certo preconceito pelo assunto, principalmente pela falta de inclusão. A criação dos Jogos Paralímpicos, proporcionou o avanço das modalidades, assim como o rompimento de alguns estereótipos sociais. Potencialmente uma modalidade paralímpica, a bocha, ressalta esse caráter inclusivo, e traz relevante presença dos selecionados do Brasil e Portugal nas edições dos Jogos Paralímpicos. Esta pesquisa objetiva descrever o processo histórico da modalidade bocha paralímpica e sua trajetória nos jogos paralímpicos, por meio da metodologia da pesquisa histórica documental, para possibilitar maior visibilidade e acessibilidade, tanto no meio acadêmico, quanto na sociedade em geral.

Palavras-chave: bocha, paradesporto, jogos paralímpicos, processo histórico.

Abstract

The development of adapted sports is still a big challenge in the sports field due to the lack of financial and structural resources besides the few academic research in the area. The para-sports still faces resistance in society, which maintains certain prejudice by the subject, mainly for lack of inclusion. The creation of the Paralympic Games, provided the advance of the modalities, as well as the disruption of some social stereotypes. Potentially a paralympic sport, boccia, emphasizes that inclusiveness and brings relevant presence of Brazil and Portugal in selected editions of the Paralympic Games. This research aims to describe the historical process of boccia and its trajectory in the paralympic games, through the methodology of historical research, to provide greater visibility and accessibility, both in academic field and in society in General.

Keywords: boccia, paradesporto, paralympic games, historical process.

Afiliação dos autores

Universidade Federal do Paraná,
Paraná, Brasil.

**Autor correspondente*

Universidade Federal do Paraná,
Paraná, Brasil.
e-mail: debssiva@gmail.com

Conflito de interesses

A autora declarou não haver conflito de interesses.

Processo de arbitragem

Recebido: 24/09/2018
Aprovado: 10/12/2018

Introdução

A prática paradesportiva surgiu no fim do século XIX, na Alemanha, com o incentivo de alguns clubes para que deficientes auditivos pudessem realizar determinadas práticas esportivas. Emergido no cenário pós Segunda Guerra, o esporte adaptado ganhou seu espaço nos centros de reabilitação para ex-combatentes lesionados. Em 1944, o neurocirurgião Ludwig Guttman, foi o precursor da utilização dos esportes para a recuperação dos pacientes/soldados, introduzindo sua técnica na Unidade de Lesões Medulares do hospital em que trabalhava, Stoke Mandeville Hospital, na Inglaterra. Com a crescente utilização desse método, houve um incentivo para a realização de competições e jogos voltados às pessoas com deficiência¹.

Segundo Marques et al², embora o esporte paralímpico seja herdeiro dos princípios do esporte moderno, inclusive baseando-se em algumas diretrizes da Carta Olímpica, seu desenvolvimento sócio histórico distinguiu-se do esporte olímpico pois os principais objetivos foram a reabilitação e a inclusão social dos deficientes na sociedade. Por inclusão entende-se a aceitação de corpos considerados fora dos padrões de normalidade e para isto são inventadas práticas – dentre as quais, o esporte adaptado – que promovem também o desenvolvimento pessoal do indivíduo.

De acordo com Marques et al², os jogos paralímpicos tornaram-se o principal meio de divulgação do esporte adaptado e já estão consolidados no cenário esportivo mundial, sendo o segundo maior espetáculo do mundo, perdendo apenas para as próprias olimpíadas. Ainda assim, muitas pessoas confundem o significado da palavra paralímpica, associando-a a paraplegia, quando, na verdade, a definição correta é: paralela aos jogos olímpicos. O evento busca ressaltar a importância da inclusão na sociedade, promovendo valores, mais conhecidos como ideais paralímpicos: determinação, ao focar em um objetivo; a coragem, ao proporcionar força nas situações difíceis; a igualdade, sendo iguais as condições de oportunidade e tratamento para todos; e a inspiração, sendo fonte de ideias para realização de tarefas. Tais valores são de grande relevância na comunidade e para a sociedade¹.

No atual momento histórico, os esportes paralímpicos, diferentemente dos olímpicos, têm sua profissionalização e comercialização ainda insipientes². Portanto, os agentes envolvidos no movimento paralímpico, por perceberem uma disputa no interior do campo esportivo – esporte olímpico *versus* esporte paralímpico –, pretendem legitimar o esporte paralímpico de forma que seja consumido pelo grande público, ou seja, almejam a obtenção de um capital simbólico³.

Levando em consideração este contexto e a relevância da prática paradesportiva, objetiva-se descrever o processo histórico da modalidade bocha paralímpica e sua trajetória nos Jogos Paralímpicos, enfatizando os países que mais se destacaram e que, de alguma maneira, foram mais relevantes para a história da modalidade. A escolha por esta deu-se, pois são recorrentes as medalhas obtidas em jogos paralímpicos tanto pelos portugueses quanto pelos brasileiros. Segundo o *International Paralympic Committee* (IPC), o Brasil, desde sua estreia em Pequim, 2008, está presente no pódio paralímpico. O mesmo acontece com Portugal, que é participante na modalidade desde a estreia desta em Stoke Mandeville, NY, 1984. Além disso, conforme Marques⁴, é um esporte adaptado que parece valorizar mais os feitos atléticos do que o capital físico de seus atletas, o que o torna diferenciado no campo esportivo, mesmo nas práticas paralímpicas.

Métodos

A fim de descrever o processo histórico da modalidade da bocha adaptada e sua trajetória paralímpica, será realizada uma pesquisa histórica utilizando-se de documentos escritos encontrados nos sites de federações da modalidade e do comitê paralímpico internacional – os quais são produzidos para divulgação em meios de comunicação em massa e, portanto tornam-se relevantes para o uso em pesquisas de natureza histórica⁵ – e artigos científicos de agentes do campo esportivo que estudam as práticas adaptadas no contexto do movimento paralímpico. Portanto, a presente pesquisa consiste em uma revisão historiográfica, já que é atrelada à análise de fontes

históricas primárias e secundárias os escassos textos acadêmicos sobre o assunto produzidos no idioma português.

Resultados

A bocha adaptada desenvolveu-se na década de 1970, nos países nórdicos. De acordo com o *International Paralympic Committee* (IPC)⁶, é um jogo de estratégia e precisão, destinado, inicialmente, a praticantes com paralisia cerebral. Atualmente, além de tornar-se uma modalidade de esporte paralímpico, destina-se a atletas com déficit motor decorrentes de paralisia cerebral ou outras causas, como acidente vascular cerebral e distrofia muscular progressiva, por exemplo.

O jogo realiza-se em uma quadra com 6m de largura por 12,5m de comprimento. Os instrumentos utilizados são bolas de fibra sintética, revestidas com couro, que pesam 280 gramas, não quicam e são brancas, azuis e vermelhas. O objetivo do atleta é lançar as bolas coloridas (azul ou vermelha) de maneira que fiquem o mais próximo possível da bola branca. Quanto mais bolas coloridas a equipe conseguir colocar próximas a branca, maior será a pontuação⁷.

A disputa – que pode ser individual, em dupla ou em equipe – é iniciada quando o primeiro atleta, aquele que será o responsável pelas bolas vermelhas obrigatoriamente, lança a bola alvo (branca) e em seguida uma de suas bolas. Depois o adversário lança uma bola azul. Os atletas se intercalam, arremessando as bolas coloridas, até que todas tenham sido jogadas. A pontuação só é contabilizada após finalizada a rodada, isto é, quando todas as seis bolas de cada equipe já foram lançadas. O final da partida ocorre com o término de todas as rodadas. Ganha quem somar mais pontos.

Sistema de classificação

Nos paradesportos existe um sistema de classificação por meio do qual objetiva-se que os atletas sejam analisados de maneira mais justa, de acordo com suas reais capacidades e sua eficiência no momento das provas⁸. No caso da bocha, como a modalidade destina-se a praticantes com paralisia cerebral e outros comprometimentos cerebrais, os graus de limitação variam e, por isso, existem quatro classificações para que as disputas sejam justas: BC1, BC2, BC3 e BC4.

Nas duas primeiras os atletas são, necessariamente, paralisados cerebrais. Na terceira podem ter paralisia cerebral ou outro comprometimento e na BC4 possuem outras complicações.

A classe BC1 é composta por atletas que arremessam as bolas com as mãos ou pés e possuem um assistente que fornece a bola e ajeita a cadeira de rodas; na classe BC2 o déficit é menor e a bola é lançada apenas com as mãos; a BC3 é a com maior comprometimento e os competidores precisam de instrumentos que o ajudem a lançar a bola à quadra (calhas e capacetes), além do calheiro; a BC4 é similar a BC2 só que os atletas não são paralisados cerebrais⁹.

História da modalidade

Como se trata de um jogo, a origem da bocha não é bem definida, podendo ser considerada uma tradição inventada, ou seja:

[...] um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado¹⁰.

Sobre a bocha, existem tradições inventadas acerca da origem na Grécia Antiga, onde pedras eram jogadas em direção a um alvo; ou no Império Romano no qual surgiu uma modalidade precursora: o *boccie*. Este foi se desenvolvendo e levado a outros países e, na França do início do século XX, surgiu a petanca. Evidentemente são reforços de uma origem remota, pouco confiáveis, tendo em vista a existência de uma lacuna temporal de milênios. “[...] na medida em que há referência a um passado histórico, as tradições ‘inventadas’

caracterizam-se por estabelecer com ele uma continuidade bastante artificial.¹⁰

Hoje a petanca possui federações, campeonatos e é oficialmente regulamentada na França, porém tais características são restritas ao próprio país. Embora possa ser considerada esporte específico de um país, essa prática de modo geral ainda é considerada um jogo. No caso da petanca, bolas metálicas devem ser lançadas para que fique o mais próximo possível de uma bola de madeira (em outros países as bolas são feitas de materiais diversos)¹¹. A bocha (do latim *bottia* = bola), sem dúvida, possui influências dessa prática francesa e atualmente também é reconhecida como esporte, mas somente na própria Itália.

A prática adaptada só foi pensada na década de 1970, assim como várias outras modalidades para desportivas, nos países nórdicos. Primeiramente com o objetivo de lazer e inclusão de paralisados cerebrais com comprometimento motor severo e necessidade do uso de cadeira de rodas. Um pouco depois, outras complicações, também com déficit motor, foram inseridas como categorias da modalidade.

Tal prática passou pelo processo de esportivização e a *Cerebral Palsy International Sports and Recreation* (CPISRA) tornou-se o órgão responsável por instituir as regras do paradesporto. Deve-se ressaltar que a organização mundial deste esporte adaptado supera a da própria prática de bocha convencional, tendo em vista que somente o primeiro é disputado em um megaevento paralímpico e tem torneios mundiais reconhecidos.

O primeiro campeonato que ocorreu foi na Dinamarca, em 1982, o V Jogos Mundiais de Paralisia Cerebral. Já em 1984, menos de dois anos após a realização do primeiro evento competitivo, tomou-se um esporte paralímpico. Atualmente, são quatro campeonatos internacionais de destaque. Estes ocorrem, cada um em um ano, totalizando, então o período de quatro anos (ou seja, um ciclo paralímpico): Campeonato Europeu/Parapan-Americano, Campeonato Mundial, Copa do Mundo e Paralimpiadas¹².

Destacando-se atualmente nessa modalidade, a Coreia do Sul apresentou bons resultados nas últimas disputas, tanto masculinas quanto femininas. No Campeonato da Ásia e Oceania, o qual foi disputado em Hong Kong no mês de junho de 2015, venceu a disputa em duplas BC3. Este ótimo desempenho garantiu ao selecionado coreano uma vaga nos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro (2016), no qual se sagrou vice-campeão geral, além de obter na bocha uma medalha de ouro na classe individual mista BC3, uma medalha de prata na classe duplas mistas BC3 e uma de bronze na classe individual mista BC1.

A bocha adaptada em Portugal e no Brasil

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), uma a cada sete pessoas no mundo vivem com deficiência visual, motora, auditiva e intelectual. Isso configura cerca de um bilhão de pessoas no mundo. Observando os dois países de língua portuguesa tratados no presente artigo, Portugal e Brasil, podemos observar algumas semelhanças. Reconhecendo as diferenças de extensão territorial e densidade demográfica os números individuais são diferentes, porém quando tratamos de números percentuais, muito se assemelham. Ambos têm aproximadamente 6% da população com deficiência, isso segundo o Instituto Brasileiro de Geografia (IBGE) e a Base de Dados Portugal Contemporâneo.

Essa população enfrenta diversos desafios no seu cotidiano, entre eles, físicos, sociais e psicológicos. Sendo assim, destaca-se a importância do esporte adaptado para esses cidadãos. Entre as modalidades adaptadas ressaltamos a bocha, que como já foi tratado anteriormente, teve o início do seu desenvolvimento na década de 1970, mesmo período em que os direitos e as políticas públicas para pessoas deficientes começaram a ser discutidas e defendidas por decretos de lei. A bocha paralímpica, que teve seu início nos Países Nórdicos, foi se popularizando em muitos lugares ao redor do mundo. Portugal é a principal potência em território europeu, prova disso pode ser visto em suas conquistas em Paraolimpiadas. Desde a estreia da modalidade, nos Jogos de Stoke Mandeville nos Estados Unidos da América (1984), Portugal já figurava entre os melhores do mundo. Por exemplo, na disputa por equipes entre Portugal e Grã Bretanha e o resultado final de 7 a 4, os

portugueses garantiram o lugar mais alto do pódio, Antônio Baltazar, Maria Helena Martins e Antônio Jose Mateus, foram os protagonistas deste feito e deixaram os seus nomes marcados na história do esporte.

Posteriormente, em 1988, na cidade de Seul na Coreia do Sul, os portugueses se mantiveram entre os destaques, com uma medalha de ouro e duas de bronze, conquistadas nas disputas por equipes e individual – tanto que Portugal garantiu o segundo lugar geral na bocha adaptada, ficando atrás apenas dos donos da casa. Os nomes que escreveram esse capítulo da história do paradesporto português foram: João Alves, Antônio Marques, Maria Melo e Fernando Ferreira. No toriedade para João Alves que conquistou a medalha de ouro por equipes e o bronze no individual, pois, dos 34 atletas participantes, apenas o português, Alves, e o coreano Kang No Yun obtiveram esse resultado.

Nas paraolimpiadas que marcam a virada da década, os avanços da tecnologia e o processo de espetacularização esportiva estavam em franca ascensão. Portugal não teve um dos seus melhores desempenhos e Espanha e Coreia do Sul foram as equipes mais fortes na ocasião, porém a equipe portuguesa figurou entre as quatro melhores, com uma medalha de prata conquistada pelo atleta Fernando Costa.

Seguindo a linha do tempo aqui exposta, Atlanta foi a cidade sede das paraolimpiadas de 1996. Portugal obteve o pódio mais uma vez. João Alves que tinha se destacado em 1988, retornou a boa fase conquistando a medalha de prata da disputa por equipes ao lado de seus companheiros Pedro Silva, Fernando Ferreira e Antônio Marques, entretanto o paradesportista que mais se destacou nesta edição foi José Macedo. Este conquistou duas medalhas de ouro, uma na disputa individual e outra em duplas ao lado do companheiro, Armando Costa. Foram cinco dias de disputas e os principais adversários de Macedo foram os paratletas da Espanha. No “ranking” geral da modalidade, Portugal ficou em segundo lugar, atrás da Espanha, que obteve apenas uma medalha de bronze a mais. José Macedo e Armando Costa, após as paraolimpiadas, continuaram se destacando em campeonatos nacionais em Portugal e torneios internacionais, além disso, participaram de mais uma edição dos Jogos em Sydney na Austrália (2000). Desta vez, o desafio parecia ser maior para eles: 14 países participantes e 64 paratletas buscando uma medalha. Diante desse cenário parecia ser improvável que Macedo e Costa se enfrentassem em uma final Paralímpica, porém, foi exatamente o que aconteceu. Pela primeira vez na história da modalidade, companheiros de treino e de nacionalidade disputaram a final da categoria individual e José Macedo levou a melhor, vencendo o coreano por 5 a 2.

O ápice da bocha portuguesa, foi em 2004, nas paraolimpiadas de Atenas na Grécia. Portugal conquistou inéditas seis medalhas. Vale registrar os nomes que elevaram Portugal a este patamar, foram eles: João Paulo Fernandez (medalha de ouro, individual BC1), Fernando Ferreira (medalha de ouro por equipe BC1/BC2 e bronze, individual BC2), Cristina Gonçalves (medalha de ouro, equipe BC1/BC2), Antônio Marques (medalha de ouro, equipe BC1/BC2), Pedro Silva (medalha de prata, individual BC2), Bruno Valentim (medalha de prata, duplas BC4) e Fernando de Oliveira (medalha de prata, duplas BC4). Essa foi a melhor participação portuguesa em toda trajetória paralímpica.

Em Pequim (2008), Londres (2012) e Rio de Janeiro (2016), os portugueses medalharam nas competições, porém, sem muita expressividade. É notório que Portugal esta entre os melhores países do mundo na bocha adaptada, no entanto, é preocupante o declínio visto nas três últimas participações. Portugal foi do primeiro lugar geral em 2004 para o décimo lugar em 2016, entretanto a sua importância e contribuição para o desenvolvimento e história do paradesporto é inquestionável.

Em relação à modalidade no Brasil, conforme a Associação Nacional de Desporto para Deficientes (ANDE)¹³, essa chegou ao país em 1995. Foi através do incentivo de um grupo de professores de Educação Física que dois atletas do atletismo aceitaram participar da bocha adaptada nos Jogos Parapan-Americanos de Mar Del Plata, na Argentina. A ideia era que na sequência fosse possível implantar o esporte no Brasil, ajudando a atender a demanda de um segmento populacional muito específico. Para surpresa de muitos, os dois atletas conquistaram o primeiro lugar em duas categorias diferentes.

Em 1996 a cidade de Curitiba teve papel fundamental no fomento e popularização do esporte, devido à grande iniciativa

do professor de Educação Física Ivaldo Brandão Vieira, na época diretor técnico da ANDE. Foi por meio deste que os primeiros passos rumo à consolidação da modalidade em território nacional foram dados. Um dos obstáculos nessa trajetória foi o material necessário para a prática, pois cada atleta deveria ter o seu kit pessoal e poucos tinham condições financeiras para adquiri-lo, outra dificuldade era o deslocamento de suas residências até o local adequado para a prática do esporte. E mesmo com o forte apoio institucional, tais dificuldades se estendem até os dias atuais. Porém, essas barreiras foram e estão sendo ultrapassadas. A ANDE foi pioneira e lançou o projeto “*Boccha* para Portadores de Paralisia Cerebral Severa”, a iniciativa foi no estado do Paraná e se estendeu, na sequência, até Rio de Janeiro, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais e São Paulo. Em alguns anos, campeonatos regionais e brasileiros começaram a ocorrer, além de outras competições de fomento. Como já era esperado, devido a boa aceitação do esporte no Brasil e o empenho de atletas e pessoas envolvidas com a modalidade, foi uma questão de tempo para que o país começasse a ser representando em competições internacionais, como Jogos Paralímpicos e Mundiais. Mesmo como estreante na modalidade, o selecionado nacional passou a figurar entre os melhores: foram, por exemplo, duas medalhas de ouro e um terceiro lugar nas paraolimpíadas de Pequim (2008), conquistadas pelos atletas Dirceu Pinto e Eliseu Santos, respectivamente. Na cidade de Lisboa, onde ocorreu o Mundial de Bocha em 2010, o primeiro lugar na categoria BC4 também foi ocupado pelos mesmos atletas brasileiros.

Atualmente a bocha adaptada é praticada em todas as regiões do país, possibilitando que pessoas com alto grau de comprometimento motor possam praticar o esporte de alto rendimento. A seleção brasileira está sob o comando do Darlan Ciesielski Junior, graduado em Licenciatura Plena em Educação Física pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), além de ter várias especializações na área. Ciesielski tem feito um ótimo trabalho no treinamento dos atletas que compõe o selecionado brasileiro e contribuído de várias maneiras para o contínuo desenvolvimento do esporte no país.

Trajectoria paralímpica

Em 1984 os Jogos Paralímpicos ocorreram em Nova Iorque, foi nesta ocasião que a bocha estreou no evento. Uma situação que reflete o espírito inclusivo da modalidade é o fato de que em sua primeira participação nos Jogos, esta já teve a participação de atletas de ambos os gêneros. Visto que historicamente a participação feminina nos esportes é repleta de proibições e empecilhos¹⁴, esse é um feito notório. Neste ano a disputa por medalhas ficou entre a Dinamarca, os EUA, a Grã-Bretanha e o Canadá nas classes C1 e C2 no masculino e também no feminino; a exceção foi na disputa por equipes, na qual Portugal conquistou a medalha de ouro.

Nos Jogos de Seul (1988), não ocorreu divisão entre homens e mulheres nas categorias, logo, a disputa foi mista tanto no individual quanto por equipes, nas classes C1 e C2. O selecionado da Coreia do Sul e Portugal foram os destaques desta edição, medalhando nas duas categorias individuais e por equipes.

Em Barcelona (1992) a maneira com que as disputas ocorreram seguiu o mesmo padrão do evento anterior no que se refere a categorias e classes. O diferencial nos Jogos de Barcelona foram os acontecimentos no campo político. Com a desintegração da Iugoslávia e da União Soviética (URSS), ambas ocorridas no início da década de 1990, os atletas que compunham tais seleções, figuraram na Paraolimpíada representando os Participantes Paralímpicos Independentes (PPI) e a Comunidade dos Estados Independentes (CEI). Porém, quem compôs o pódio da bocha adaptada foi a Espanha, os EUA e a Dinamarca na classe C1, respectivamente nesta ordem. Na classe C2 houve um domínio dos coreanos que conquistaram a medalha de ouro e de bronze, já a prata ficou com o atleta português Fernando Costa. Por equipes, os vencedores foram os atletas espanhóis, o segundo lugar ficou com a Dinamarca, seguida pela Irlanda.

O processo de espetacularização esportiva, que propiciou uma maior comercialização dos esportes, atingiu seu apogeu na segunda metade do século XX¹⁵ e, inclusive, foi possível perceber tal mudança nos Jogos Paralímpicos de Atlanta (1996).

Prova disso foi o aumento no número de espectadores durante o evento, mais de 300 mil. Fator importante que favoreceu tal desenvolvimento foi a procura de grandes empresas interessadas em patrocinar o evento. “De fato, o esporte não teria alcançado à importância política, econômica e cultural e que desfrutava hoje não fosse sua associação com a televisão, associação esta que criou uma ‘realidade textual autônoma’”: o esporte telespetáculo¹⁵. A bocha estava presente neste episódio, desta vez, como acréscimo de duas categorias, C1 Wad no individual e em pares (esta classificação atualmente é conhecida por BC3). Países já conhecidos no esporte dominaram as disputas: Coreia, Espanha e Portugal conquistaram os primeiros lugares.

Em Sidney (2000), os EUA perderam o primeiro lugar no quadro de medalhas geral para os donos da casa. Mas, nem os EUA e nem a Austrália conquistaram medalhas na bocha adaptada. A Espanha conquistou cinco medalhas nesta edição, entretanto nenhuma de ouro. Os primeiros lugares foram conquistados na classe BC1 pela Irlanda, BC2 pela Grã-Bretanha, BC3 por Portugal, na disputa em pares BC3 a Irlanda foi vitoriosa e por equipes, pela primeira vez nesta categoria, os coreanos obtiveram o primeiro lugar.

A participação de atletas na categoria BC4 foi autorizada nos Jogos de Atenas (2004). Os países já tradicionais no esporte continuaram em destaque, com poucas alterações, a novidade foi o selecionado de Hong Kong que levou a medalha de ouro na recém autorizada categoria BC4 individual e em pares.

Na edição realizada em Pequim (2008), os anfitriões se consolidaram como potência paralímpica, pois obtiveram o primeiro lugar isolado no quadro de medalhas, foram 211, mais do que o dobro da segunda colocada, a Grã-Bretanha, que encerrou a competição com 102 medalhas. Na bocha adaptada, a surpresa ocorreu na categoria BC4: o Brasil conquistou a sua primeira medalha de ouro na modalidade, individual e em pares. Nas outras categorias pouca coisa mudou: Portugal, Hong Kong e Coreia conquistaram os primeiros lugares, com poucas alterações nos segundos e terceiros lugares também.

A realização dos jogos em Londres (2012) entrou para a história por ter a maior participação de atletas e de países em uma Paralimpíada até então, foram 165 países e 4.200 paradesportistas. O Brasil, que já tinha surpreendido na edição anterior, desbancou países tradicionais na bocha, como Portugal, China e Grã-Bretanha, sagrando-se a seleção com mais medalhas de ouro na modalidade. As conquistas foram na categoria BC2, BC4 e BC4 em duplas. Outra novidade foi a Tailândia que conquistou o ouro na categoria BC1 e por equipe.

No Rio de Janeiro (2016), alguns fatos peculiares marcaram essa edição, como a exclusão inédita de atletas russos sob recomendação do Comitê Executivo da *World Anti-Doping Agency* (Wada) ao *International Olympic Committee* (IOC), em decorrência de um escândalo de doping no país, bem como a participação emblemática nas Olimpíadas do *Team Refugee Olympic Athletes*, uma equipe composta por 10 refugiados de guerra, sendo dois nadadores sírios, dois judocas congolezes, um maratonista etíope e cinco corredores sudaneses, os quais se apresentaram utilizando a bandeira do IOC. Nas Paralimpíadas, o Brasil terminou em primeiro lugar na categoria BC3, composta por Antonio Leme, Evelyn de Oliveira e Evani Soares, e em segundo na categoria BC4, com os paratletas Eliseu dos Santos e Dirceu Pinto. Além do time brasileiro BC3 de bocha ter sido eleito a melhor equipe dos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro, Portugal conquistou duas medalhas de bronze nessa modalidade, uma na categoria BC3 com o paratleta José Macedo, e outra na prova de equipes BC1/BC2, com a equipe composta por Abílio Valente, António Marques, Cristina Gonçalves e Fernando Ferreira.

Discussão

O esporte paralímpico se apropriou, numa época mais recente (metade do século XX), da herança do esporte moderno, buscando uma alternativa para a recuperação e reabilitação de sujeitos com lesão medular, e se estruturou de forma a atender ao público com deficiência, não como um diferenciador social, mas sim como um movimento de luta pela

inclusão social através da prática esportiva².

A partir do histórico da bocha adaptada, bem como da sua trajetória paralímpica, observa-se que seu desenvolvimento, já na década de 1980, ocorreu em paralelo com o próprio movimento paralímpico. Porém, há ainda insuficientes pesquisas na área de Educação Física, bem como carência no incentivo e no investimento da modalidade e de seus atletas – mesmo sendo uma prática de alto rendimento. Embora o número de competidores da bocha tenha aumentado de 19 em 1984 (primeira aparição nas Paralimpiadas) para 106 em 2016 (Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro), é ainda reduzido se comparado a outras modalidades. Portanto, torna-se essencial a ampliação dos estudos na área, sobretudo, no tangente à compreensão do processo histórico e de como o atual estado da modalidade – dentro do campo esportivo – poderá influir na busca por estratégias para disseminação na sociedade e aumento do interesse pela bocha paralímpica por pessoas que até o momento a desconhecem ou possuem poucas informações sobre a sua prática.

Agradecimentos

Esse texto, com alterações e adaptações, faz parte do Projeto Inteligência Esportiva, da Universidade Federal do Paraná, especificamente o subprojeto História das Modalidades Olímpicas e Paralímpicas. Agradecemos, portanto, ao Ministério do Esporte do Brasil pelo financiamento.

Referências

1. Eugênia Cidade RE. Inclusão, deficiência e valores paraolímpicos. In: Oliveira AAB, Pimentel GGA. Recreio nas férias e os valores olímpicos. Maringá: Eduem, 57-68; 2010.
2. Marques RFR, Duarte E, Gutierrez GL, Almeida JJG, Miranda TJ. Esporte olímpico e paraolímpico: coincidências, divergências e especificidades numa perspectiva contemporânea. Rev Bras Educ Fís Esporte 2009;2(4):365-77.
3. Marques RFR, Gutierrez GL, Almeida MAB, Nunomura M, Menezes RP. A abordagem midiática sobre o esporte paralímpico: o ponto de vista de atletas brasileiros. Movimento 2014;20(3):989-1015.
4. Marques RFR, Marivoet S, Almeida MAB, Gutierrez GL, Menezes RP, Nunomura M. A abordagem midiática sobre o desporto paralímpico: perspectivas de atletas portugueses. Motricidade 2015;11(3):123-147.
5. Gil AC. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Editora Atlas; 2008.
6. International Paralympic Committee (IPC); 2016. [acesso em 03 mar. 2016]. Disponível em: www.paralympic.org
7. Boccia International Sports Federation (BISFed). (2016). [Em linha]: [Consult. 2016-03-03]. Disponível em: www.bisfed.com
8. Amorim M, Corredeira R, Sampaio E, Bastos T, Botelho M. Goalball: uma modalidade desportiva de competição. Rev Port Cien Desp 2010;10(1): 221-229.
9. Federação Portuguesa de Desporto para pessoas com deficiência (2016). [Em linha]: [Consult. 2016-03-06]. Disponível em: www.fpdd.org/pt/boccia
10. Hobsbawn E, Ranger T (2014). A invenção das tradições. São Paulo: Paz e Terra.
11. Federação Portuguesa de Pétanca 2016. [acesso em 04 mar. 2016]. Disponível em: www.fppetanca.com
12. Mello MC, Winkler C. Esporte Paralímpico. São Paulo: Editora Atheneu; 2012.
13. Associação Nacional de Desporto para Deficientes 2016. [acesso em 04 mar. 2011]. Disponível em: www.ande.org.br
14. Lessa P. Mulheres, corpo e esportes em uma perspectiva feminista. Motrivivência 2006;24:157-172.
15. Betti M. A janela de vidro: esporte, televisão e educação física. Tese de doutorado. Campinas/Brasil. Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas/Brasil; 1997.